

Pós-Graduação Nova no Brasil: uma resposta a Naomar de Almeida Filho

Marcos Palacios

Li com interesse o seu artigo, intitulado “Pós-Graduação Nova no Brasil”, publicado na *Folha de São Paulo* e reproduzido pelo *Jornal da Ciência* (12/11/2010- Vide abaixo). Estou no momento residindo em Portugal, em temporada como Professor Visitante na Universidade da Beira Interior (UBI), na cidade de Covilhã, desde fevereiro deste ano. Durante este período, tive oportunidade de conviver com colegas docentes e pesquisadores nesta Universidade - onde tive a melhor das acolhidas - e ministrar aulas para estudantes de Graduação (aqui Licenciatura), Mestrado e Doutorado.

Lamento, mas minha impressão do chamado Mestrado Integrado é a pior possível. Na prática, não se trata em absoluto de Pós-Graduação *stricto sensu*, como temos hoje no Brasil, mas de uma continuidade da Graduação, que foi encurtada aqui de quatro a cinco para três anos. Com isso, têm-se, na verdade e na prática, uma Graduação de cinco anos e - como possível continuidade - o Doutorado. Em termos comparativos, os Mestrados Integrados seriam equiparáveis, quando muito, a nossos Cursos de Especialização *lato-sensu*; com carga horária maior, é verdade, porém resultados equivalentes.

Na minha avaliação as desvantagens do Modelo Integrado pós-Bolonha são muitas:

- a) não se estabelece uma ruptura de níveis entre Graduação e Pós-Graduação, como ocorre em nosso caso, com um processo de seleção, preparação de um projeto de pesquisa como condição de acesso à Pós, elementos geradores da consciência ou pelo menos 'sensação' de que se transitou para uma situação nova: a de pós-Graduando. Com o modelo Bolonha, nada disso acontece. Os estudantes são quase que automaticamente “promovidos” ao Mestrado Integrado e continuam a agir e atuar academicamente como os de Licenciatura, com a percepção de que estão apenas dando seguimento a dois anos mais dos estudos, no mesmo ritmo e espírito com que estiveram cursando os três anos anteriores, na Licenciatura. Ritos de Passagem continuam sendo importantes, especialmente em ambientes altamente simbólicos, como o Universitário;
- b) nosso modelo de Mestrado oferece uma via de preparação inicial de pesquisador (Mestrado Acadêmico), que tem por meta a culminação de sua formação científica básica e o início de sua efetiva contribuição ao Conhecimento no estágio do Doutorado; por outro lado, o Mestrado Profissionalizante oferece uma opção para aqueles que desejam uma continuidade de estudos, com vistas ao mercado de trabalho não-acadêmico. Com o modelo Bolonha, esta diferenciação entre Acadêmico/Profissionalizante na prática deixa de existir nos Mestrados Integrados, com todos os mestrados fazendo um pouco de tudo, sem uma diferenciação clara para os que pretendem seguir caminhos mais marcadamente acadêmicos. Resultado: dissertações de Mestrado que deixam muito a desejar e, principalmente, candidatos doutorais muito mais fracos e com menos experiência de uma real Pós-Graduação de cunho acadêmico. Aliás, antecipo problemas quando chegarem aos Programas de Pós-Graduação brasileiros, para reconhecimento e revalidação, os diplomas obtidos na maioria dos cursos de Mestrado Integrado europeus pós-Bolonha.

Poderão, em alguns casos, obter reconhecimento como Mestrados Profissionalizantes, mas dificilmente como Mestrados Acadêmicos;

c) para completar, Bolonha reduziu o Doutorado de quatro para três anos. Paradoxalmente, os estudantes chegam ao Doutorado menos preparados do que na situação pré-Bolonha e têm um prazo menor para concluir essa etapa, quando de fato necessitariam de mais tempo, para garantir a consolidação do que não foi devidamente sedimentado no Mestrado. Um Doutorado de três anos é mais viável no modelo brasileiro, que garante uma formação prévia mais sólida via Mestrado Acadêmico, do que no modelo Bolonha.

Em suma, o quadro pós-Bolonha não me parece fornecer um panorama muito promissor, menos ainda uma situação a ser tomada como paradigma e emulada. Acredito que temos no Brasil um sistema consistente de pós-Graduação por mérito, que consumiu anos de aprimoramento, com implantação de processos sérios de avaliação pela CAPES, montagem de programas de incentivos a projetos de cooperação nacional e internacional, criação dos mais variados tipos de bolsas e apoios, envolvimento da comunidade de pesquisadores no estabelecimento dos padrões de avaliação e - insisto - com clara demarcação entre etapas distintas de formação Graduação/Pós-Graduação. Essa clivagem e os Ritos de Passagem que a acompanham não são desvantagens nem anacronismos, mas pontos a nosso favor.

Temos poucas vagas na Pós-Graduação? O acesso é demasiadamente restritivo? Ampliemos o número de vagas, criemos mais cursos de Pós-Graduação. Tornar a Pós-Graduação mais "democrática" através de sua dissolução em um banho ácido de Graduação não me parece, em absoluto, uma solução, mas pode representar o abandono de conquistas fundamentais, pelas quais temos trabalhado e lutado ao longo das três últimas décadas em nosso país.

Saudações Universitárias,

Marcos Palacios
Professor Titular
Faculdade de Comunicação
Universidade Federal da Bahia

.....

PÓS-GRADUAÇÃO NOVA NO BRASIL, ARTIGO DE NAOMAR DE ALMEIDA FILHO

"Precisamos recriar o modelo nacional de pós-graduação; antes de tudo, o abismo entre graduação e pós-graduação no país deve ser removido"

Naomar de Almeida Filho é professor titular do Instituto de Saúde Coletiva e do Instituto Milton Santos de Humanidades, Artes e Ciências da Universidade Federal da Bahia, da qual foi reitor.

Artigo publicado na "Folha de SP":

A universidade brasileira vive raro momento de inovação e expansão, propício para rever práticas e repensar estruturas. Nesse contexto, vale destacar a criação de novas modalidades de graduação, compatíveis com o "college" norte-americano e o "bachelor" de Bolonha, na Europa.

A UFABC (Universidade Federal do ABC) foi inaugurada em 2005 com o bacharelado em ciência e tecnologia, um primeiro ciclo de três anos com onze opções de segundo ciclo.

Em 2007, a UFBA (Universidade Federal da Bahia) aprovou a oferta de bacharelados interdisciplinares como primeiro ciclo para 81 opções de graduação. Dentro do Reuni, outras instituições seguem essa tendência inovadora: UFSC, UFRN, Ufersa, UFCG, UFRB, UFJF, Unifal, UFVJM, UFSJ, Unifei, UFV, UFRJ, Ufac e Ufopa.

A Unesp abre o bacharelado em ciências exatas, curso de três anos com opções de segundo ciclo, e a Unicamp inicia um programa interdisciplinar de dois anos, primeiro ciclo geral para formação profissional específica.

Em 2011, mais de 10 mil estudantes estarão matriculados em 26 cursos de graduação de primeiro ciclo, em algumas das melhores universidades brasileiras.

A graduação se renova, portanto.

Não obstante, se quisermos avançar no desejado processo de internacionalização, precisamos agora recriar o modelo nacional de pós-graduação.

Para isso, antes de tudo, o abismo entre graduação e pós-graduação, que trava a educação superior brasileira, herança do Parecer Sucupira de 1966 e da reforma universitária de 1968, deve ser removido.

Assim, poderemos integrar graduação e mestrado, diferenciando-os do doutorado.

Mestrado é educação em métodos, conhecimentos e práticas, enquanto doutorado implica formação em pesquisa e criação. Por isso, a matriz curricular do doutorado, efetivamente focada na produção orientada de conhecimento e inovação, terá o mínimo de cursos.

Em todos os níveis, componentes curriculares serão organizados não por titulação, mas por nível de profundidade. Flexíveis, estarão abertos a qualquer aluno, de graduação ou de pós, que demonstre estar habilitado a cursá-los.

Enfim, haverá relativa autonomia entre processos formativos e processos avaliativos (exames de qualificação, teses e dissertações), com bancas compostas por examinadores externos aos programas, que, excluindo o orientador, permitirão maior controle de qualidade acadêmica.

Essas propostas articulam soluções consagradas em países com tradição universitária consolidada. A estrutura curricular mínima define o modelo inglês de doutorado.

A centralidade do trabalho de pesquisa, criação ou inovação inspira-se no modelo alemão. A sequência de exames de qualificação tem como referência o modelo norte-americano dos "graduate studies". A avaliação da tese por examinador externo antes da defesa tem base no modelo francês, com a figura do "rapporteur".

Renovada, a arquitetura curricular dos programas de pós-graduação será mais orgânica ao ciclo atual de crescimento da

pesquisa nacional. Isso facilitará a inserção internacional da universidade brasileira, contribuindo para o desenvolvimento soberano do país.

(Folha de SP, 12/11/2010)